

Telejornalismo Local e Regional em Discussão: uma Análise dos Trabalhos Apresentados no GP de Telejornalismo da Intercom¹

José Tarcísio OLIVEIRA FILHO²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

RESUMO

O artigo tem o objetivo de verificar como o telejornalismo local e regional tem sido abordado por pesquisadores brasileiros. Para isso, a metodologia se baseia numa revisão bibliográfica através da seleção de 19 artigos que abordam o (tele)jornalismo local nos últimos três encontros do Grupo de Pesquisa em Telejornalismo do Congresso Nacional da Intercom. A revisão demonstra que os trabalhos se concentram em análises específicas de acontecimentos e de estudos de casos sobre novas tecnologias. Através de uma análise crítica, em diálogo com estudos sobre o jornalismo local e regional no Brasil, constata-se uma carência em discussões conceituais que poderiam contribuir para uma caracterização desse tipo de telejornalismo no país.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; local; regional; jornalismo local; Intercom.

INTRODUÇÃO: o telejornalismo local e regional no Brasil.

Apesar da força do telejornalismo local e regional no Brasil, com grandes redes de afiliadas das maiores emissoras, principalmente as privadas (TV Globo, SBT, Record e Band) e com estrutura local-regional razoável (mais presente com afiliadas da Globo e algumas emissoras públicas) são poucos os estudos direcionados para uma discussão conceitual sobre a informação local e regional. Geralmente estes estão atrelados a análises empíricas, onde questões, como a própria noção de proximidade, não são aprofundadas.

Peruzzo (2005) descreve que o telejornalismo regional começou a obter forma no Brasil com o advento do videotape em 1960, o que possibilitou a formação das primeiras redes, através do envio de materiais audiovisuais entre as metrópoles. No entanto, elas só foram consolidadas com a instalação da rede de micro-ondas da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), que permitia uma interação mais dinâmica entre os conteúdos produzidos das emissoras (PERUZZO, 2005, p.70).

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Doutorando em Comunicação e Sociabilidade pela UFMG, e-mail: jtarcisiofilho@gmail.com

Peruzzo (2005) destaca que a particularidade do Brasil foi que “o desenvolvimento das comunicações, principalmente através de grandes redes de televisão, acabou priorizando a centralização da produção de mensagens nos grandes centros urbanos, de onde passam a ser disseminadas por todo o país” (2005, p.70). Esta seria uma herança da política de integração nacional do período militar brasileiro.

A autora diz que o local acompanha a televisão desde sua inauguração no Brasil, em 1950, através da TV Tupi Difusora de São Paulo. Nos estudos de Marialva Barbosa (2010; 2013) encontramos um mapa histórico da comunicação no Brasil que identifica que o país não tinha nenhum televisor até o final da década de 40, o que fez com que o proprietário dos Diários Associados, grupo que pertence a TV Tupi, Assis Chateaubriand, “contrabandeasse 200 receptores e os espalhassem pelos bares e lojas de São Paulo” (BARBOSA, 2013, p.276). Assim, a TV nasceria extremamente localizada, com alcance limitado a 100 quilômetros e restrita a um pequeno grupo de pessoas. O primeiro telejornal, intitulado de “Imagens do Dia”, assim como os outros programas da emissora, era transmitido ao vivo de um estúdio e tinha um curto tempo de duração (BARBOSA, 2010, p.20).

Diante dos apontamentos de Peruzzo (2005) e de Barbosa (2010, 2013), é visto que a formação da estrutura de rede como conhecemos atualmente, com afiliadas que tem à disposição sistemas de troca de conteúdo e de cobertura local-regional em diversos pontos do país, se torna possível a partir da inauguração da tecnologia de microondas do satélite da Embratel. Algumas emissoras de Minas Gerais são oriundas desse período inicial da TV Brasileira, como a TV Alterosa, até hoje em funcionamento, a TV Itacolomi, que pertencia aos diários associados em Belo Horizonte, TV Mariano Procópio (Juiz de Fora) e TV Uberaba (BARBOSA, 2010, p.21).

Além da abordagem histórica, consideramos necessária a discussão sobre a própria definição de local e regional quando atrelada ao jornalismo. No livro *Territórios do Jornalismo*, Sônia Aguiar (2016) traz a luz algumas definições que foram elaboradas por autores brasileiros ao longo de mais de uma década. Assim, são descritos termos recorrentes na literatura nacional, como jornalismo local, jornalismo interiorano, jornalismo periférico, jornalismo regional, telejornal comunitário, jornais fronteiriços, entre outros. A autora problematiza o emprego das expressões, destacando que raras vezes há uma discussão epistemológica que justifique o uso.

Com intuito de nos aprofundar em como o local e o regional é abordado pelas pesquisas do campo da comunicação, propomos uma revisão de literatura dos artigos que lidam com o tema no Grupo de Pesquisa (GP) de Telejornalismo do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) dos últimos três anos: 2015, 2016 e 2017. Foram encontrados 19 artigos que trazem no título ou entre as palavras chaves os termos: local, regional, telejornalismo, jornalismo local ou o nome de algum noticiário local/regional como SP, TV Sul ou TJUFSC.

UM OLHAR PARA AS PESQUISAS BRASILEIRAS

O Grupo de Pesquisa (GP) de Telejornalismo da Intercom faz parte da Divisão Temática (DT) de Jornalismo da associação. Atualmente, conforme a ementa disponibilizada no site da Intercom, se dedicada "a aspectos teóricos e metodológicos resultantes de pesquisa científica que tenham como objeto o Telejornalismo tanto enquanto meio de informação ou ainda como prática cultural". Os encontros acontecem anualmente no Congresso nacional da entidade, onde pesquisadores brasileiros apresentam estudos que lidam com a temática. Os artigos aqui discutidos foram extraídos dos anais dos congressos nacionais da Intercom, disponibilizados online. Buscamos analisar como os autores olham para o telejornalismo local/regional, evidenciando possíveis concepções e tendências de pesquisa, além de efetuar – quanto possível - interlocuções preliminares.

Pereira (2015) faz uma análise sobre o jornalismo científico. Um programa da emissora UFPR TV, da Universidade Federal do Paraná, foi utilizado como objeto de estudo. No corpus teórico aborda-se a concepção de notícia, da divulgação científica e do jornalismo científico. A UFPR TV é um canal fechado e observa-se que o próprio programa tomado como objetivo empírico, o Scientia, aborda temas ligados às pesquisas desenvolvidas na instituição federal. Nota-se que o artigo concede ênfase à questão da divulgação científica e até mesmo do hibridismo na TV. Portanto, o jornalismo local não emerge no estudo, apesar da possibilidade da UFPR TV ser considerada um veículo de informação local/regional.

Já o estudo de Ritter (2015) intitulado "O Encontro Entre o Hiperlocal e o Global no Hard News Televisivo do Canal de Notícias Norte-Americano NY1" busca analisar o canal de *hard news* norte-americano *New York 1*. É um dos poucos trabalhos selecionados no período análise que se dedica a discutir a questão do local no

telejornalismo e trazendo, assim, o local como palavra-chave. O estudo se aprofunda na questão hiperlocal trazendo reflexões sobre a proximidade geográfica como um critério de noticiabilidade e da questão local x global. É interessante que o autor vai além da abordagem sobre as proximidades apenas como geográfica, utilizando-se de Nelson Traquina (2005), "chama a atenção de que elas podem ser tanto geográficas quanto culturais" (2015, p.3). Assim conclui que o fator geográfico pode ser considerado um critério de noticiabilidade subjetivo. Evidencia-se uma preocupação em abordar a regionalidade na especificidade dos programas jornalísticos televisivos - sendo que assim como em outras mídias - a proximidade geográfica "é um critério de noticiabilidade determinante para a seleção da pauta que se tornará notícia" (2015, p.5).

Ritter (2015) afirma que o local não é ocultado diante de uma sociedade globalizada. A própria NY1, "no caso analisado, uma grande empresa midiática investe alto para a manutenção de um canal de notícias local na televisão, um dos veículos mais globais – principalmente com as suas extensões no mundo online - que estão inseridos na sociedade" (2015, p.7). Após a contextualização teórica, Ritter (2015) faz um mapeamento de como o NY1 constrói seu caráter local no dia a dia, inserida numa cidade considerada global (Nova Iorque). Um exemplo é que as notícias de esporte privilegiam as equipes e partidas locais. Cinco bairros fazem parte da cobertura, daí o motivo de ser considerado hiperlocal. Uma das contribuições do artigo é constatar que mesmo numa cidade globalizada, como Nova Iorque, o local não desaparece. Tal perspectiva converge com outros estudos que se dedicam ao termo de Glocalidade, como Xosé López García (2013), numa clara menção de que mesmo num ambiente globalizado o interesse pelo local persiste – ou mesmo se incrementa devido à demanda do saber pelo que acontece na comunidade em que as pessoas estão inseridas.

Já Saback (2015) descreve uma metodologia criada para análise do quadro Parceiros do RJTV, exibido pelo RJTV - telejornal local da Rede Globo exibido na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. O formato consiste em reportagens feitas por jovens da comunidade. O estudo faz, ainda, um paralelo entre o modelo de reportagem pelo quadro e o modelo "padrão" exibido pela emissora comercial, constatando que o primeiro possibilitou um olhar diferenciado das favelas cariocas. Apesar da ausência de uma discussão conceitual sobre jornalismo local, o trabalho desenvolve uma metodologia interessante de análise de um formato extremamente local e diferenciado, incluindo questões de agenda, como valorização da comunidade, ausência do Estado, assuntos que

não fazem parte do "cardápio noticioso" da grande imprensa, entre outras. Foi o único artigo entre o montante analisado que se dedicou a uma elaboração metodológica direcionada a um produto de caráter local. Percebe-se que o formato Parceiros do RJTV, mesmo não sendo veiculado atualmente na TV Globo do Rio de Janeiro, é tomado pela autora como uma iniciativa que deu maior visibilidade ao dia a dia das comunidades que foram contempladas pelo projeto.

Olegário (2015) é responsável pelo artigo "Quem tem voz no Jornal da TVE 2ª Edição: uma análise da rotina de produção na emissora pública do Rio Grande do Sul" que se dedica a descrever a rotina de produção do Jornal da TVE 2ª edição, produzido pela Televisão Educativa do Rio Grande do Sul (TVE). A análise é realizada com base na teoria do *newsmaking* e de quatro edições do jornalístico. O principal objetivo é o de encontrar pistas sobre quem tem voz pelas lentes do Jornal da TVE. O artigo apresenta um histórico sobre a TVE no estado sulista e faz uma discussão sobre o fazer jornalístico, trazendo algumas definições sobre informação, jornalismo e agenda noticiosa. É realizado um mapeamento da rotina de trabalho do telejornal, incluindo os horários das atividades de produção do programa, como reuniões de pauta, edição, elaboração do espelho e exibição ao vivo do noticiário. A análise demonstra que o telejornal é ainda muito dependente do discurso oficial, o que compromete a pluralidade. A interatividade com a audiência é vista como um desafio, já que "a inexistência de correspondentes ou afiliadas no interior gaúcho impede uma visão plena regional e fica à mercê de convênios com televisões universitárias para um fluxo contínuo com outras paisagens e entrevistados diversificados" (OLEGÁRIO, 2015, p.14). Essa perspectiva pode ser correlacionada com a visão de Peruzzo (2005), que cita a dificuldade dos veículos locais no que tange a questões infraestruturais.

Santana e Temer (2015) abordam a inter-relação entre a Comunicação e a Educação nas reportagens de dois telejornais goianos, o JA 1ª Edição (TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo) e o Jornal do Meio Dia (TV Serra Dourada, afiliada do SBT). O artigo faz uma discussão sobre mediação social para compreender a relação audiência-televisão, se utilizando de autores como Martín-Barbero e Maria Aparecida Baccega. Através da análise de conteúdo, com abordagem qualitativa, as autoras identificaram uma relação contraditória na abordagem da temática de educação pelos telejornais escolhidos, principalmente diante de reportagens que abordam greves de funcionários da área da educação. "Percebe-se, nas falas, principalmente, dos âncoras, que, apesar de apoiarem

esses servidores da educação, não deixam de tomar partido também da audiência"(SANTANA, TEMER, 2015, p.10). No caso, o chamado "partido da audiência", se refere ao prejuízo das pessoas que são afetadas pelos movimentos grevistas em favor dos professores.

Santana e Temer (2015) também descrevem a incidência nesses telejornais regionais do chamado gênero utilitário, oriundo de matérias que fazem denúncias e cobram das autoridades a oferta da educação pública. Numa referência aos critérios de noticiabilidade, tais reportagens não se tornam notícia devido à factualidade, mas pelo "serviço que oferecem à audiência e ao cidadão" (Ibidem, p.12). Apesar do vínculo às notícias da editoria de educação, esse cenário é muito próximo de uma característica típica do jornalismo local: o jornalismo de serviço, aquele que mostra o problema e cobra soluções por parte dos órgãos competentes.

Uma discussão sobre a noção de público por duas emissoras regionais paraenses, a comercial RPCTV, afiliada da Rede Globo, e a É-Paraná, TV educativa do estado, foi tema do trabalho de Pereira e Persegona (2015). O estudo se baseia no conflito que aconteceu em abril de 2015 entre policiais e funcionários do estado em Curitiba, a maioria professores, devido ao corte de vários benefícios de educadores do Estado – sob a alegação de falta de recursos para cumprir os direitos que estavam garantidos em lei. É utilizada a discussão sobre narrativa jornalística para embasar a perspectiva da construção de versões, por parte dos noticiários sobre os acontecimentos sociais. Assim, as autoras se adentram na discussão de público, desde a concepção mais simples, como um grupo de pessoas, até o caráter público que o telejornalismo e suas narrativas se estruturam. Considerando os objetos empíricos tomados, é abordada a perspectiva de emissora pública e comercial, demonstrando que as emissoras regionais públicas não podem ser consideradas, em sua totalidade, como independentes. A dependência financeira e política com o Estado pode comprometer a pluralidade de abordagem dos noticiários. Os resultados da pesquisa se tornam ainda mais agravantes no que tange aos compromissos desse tipo de emissoras, devido ao seu caráter público. É uma emissora custeada com dinheiro público, mas que não representa os interesses públicos, já que as notícias são exibidas para atender apenas o interesse de um determinado grupo.

A TV Pública também foi tema do artigo de Ferreira e Norton (2016), no entanto, com foco no ambiente de convergência midiática. Utilizando como corpus empírico as TVs públicas mineiras Rede Minas e TV Assembleia MG, as autoras debruçam a

mostrar como as TVS regionais têm usado as redes sociais para criar um elo com a audiência através de um canal de interatividade.

O artigo "Mudanças estruturais no telejornalismo local: Um estudo de caso do Jornal Anhanguera 1ª edição", de Rocha e Temer (2016) parte da premissa de que o telejornalismo local tem passado por transformações. Assim, com base no Jornal Anhanguera 1ª edição, veiculado pela TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo em Goiás, as autoras propõem uma verificação no conteúdo do telejornal. A mudança no telejornalismo é justificada pela inserção das novas tecnologias e da internet, o que teria feito com que os jornalistas perdessem o lugar de fala privilegiado. Assim, nessas novas condições, vivem uma fase em que buscam se legitimar e a própria condição para existir (ROCHA, TEMER, 2016, p.2).

No estudo, algumas das mudanças no jornalismo são descritas segundo Adghirni e Pereira (2011) com base em três eixos: 1) tempo menor para produção da notícia; 2) perfil do jornalista como sendo multitarefa; 3) a alteração no perfil do público no que se refere a forma de consumir a notícia. Na discussão sobre o telejornalismo local, as autoras recorrem a Iluska Coutinho (2014) para afirmar que os noticiários são uma forma de celebração entre o cidadão e as cidades, países e o mundo. "É nesse momento que ele produz sentidos e sensações de pertença e (auto) reconhecimento. Ou seja, o telejornalismo é um dos caminhos viáveis para que o indivíduo possa "participar" da vida em sociedade" (ROCHA, TEMER, 2016, p.5). Um sentimento que, segundo o trabalho, se torna ainda mais forte no telejornalismo local, já que a produção do jornal é direcionada ao cidadão e às demandas da comunidade.

As autoras destacam que o Jornal da Anhanguera 1ª edição sofreu várias alterações ao longo dos anos, principalmente para se aproximar com as classes C, D e E. Entre elas, quadros para incentivar a participação dos telespectadores, como o Quero Ver na TV e o JA Comunidade. Assim, registra-se um aumento significativo de conteúdos colaborativos, consolidando a estratégia de maior possibilidade de participação do espectador. "Outra mudança no conteúdo do Jornal Anhanguera 1ª edição que merece atenção e que foi feita nesse intervalo de tempo é a criação de séries especiais que abordam grandes temas que estão relacionados aos direitos do cidadão" (Ibidem, p.9). Entre os temas abordados, então segurança pública e saúde e educação.

As mudanças editoriais de telejornais locais também são tema de estudo de Darde e Leme (2017) ao analisarem o SPTV, da TV Globo de São Paulo, a partir de alterações

na linguagem e no visual do noticiário em maio de 2017 com maior ênfase também na participação ao vivo de repórteres e entrevistados. Os autores trazem algumas informações que quase passam despercebidas aos olhos dos telespectadores, como a oficialização dos nomes dos Praças como apenas SP1 e SP2. “Para criar uma marca que seja multiplataforma, a decisão da emissora foi retirar ‘TV’ do nome dos telejornais regionais, segundo um entendimento de que hoje suas equipes produzem conteúdos produzidos para múltiplas plataformas, não só televisão” (DARDE, LEME, 2017, p.2).

No que se refere ao local, os autores partem do princípio de que "os discursos jornalísticos contribuem para a formação das identidades e dos cidadãos" (DARDE E LEME, 2017, p.3). Sendo assim, o local no audiovisual é composto por recortes e construção da realidade que são transmitidos nos telejornais tendo como um de seus pilares o conceito de jornalismo comunitário. Também é discutido o conceito de multiplataforma, reafirmando o que outros trabalhos também dizem sobre a questão do público se tornar um “aliado” do noticiário fornecendo conteúdos. Com base em análises de cinco edições do SP1 e SP2, é perceptível que as principais mudanças foram tecnológicas, com mecanismos para se aproximar da audiência, como leituras de mensagens enviadas por aplicativos e postadas nas redes sociais. e a presença do telão para mostrar imagens ao vivo da capital paulista. Nota-se, ainda, que o telejornal continua apostando no serviço ao espectador, como na questão do trânsito. "Através de um software novo, o telejornal fornece mais detalhes de alternativas para desafogar as vias comuns, mostrando alternativas para o telespectador" (DARDE E LEME, 2017, p.15).

O mesmo telejornal também é analisado por Teixeira (2017) com um olhar crítico sobre as redes sociais no novo formato. A análise do autor é curiosa por apontar que "dentro desse contexto de inclusão das mídias sociais num espaço de um telejornal de grande influência e audiência como o SP1, percebemos que os comentários dos internautas pouco acrescentaram ou mudaram as rotinas jornalísticas do noticiário local" (TEIXEIRA, 2017, p.14). A afirmação é embasada pela constatação de que mesmo mostrando diversas mensagens postadas pelos internautas nas redes sociais, o que vai ao ar é apenas o que o jornalista quer, numa clara referência ao *gatekeeping*. Assim, a estratégia de se aproximar das mídias sociais, na realidade seria, segundo Teixeira (2017), um caminho para os telejornais para se manterem próximos de uma audiência que desde as manifestações de 2013 se mostrou insatisfeita com o jornalismo de massa, como é o caso da TV Globo. Cabe ainda o registro de que o SP1 é também estudado por Belém e

Cirne (2017) no artigo "Impressões sobre as mudanças na apresentação do telejornal local". Apesar de ser um dos poucos trabalhos que cita "telejornalismo local" logo no título, não há uma contextualização sobre o que seria o telejornalismo local em termos conceituais.

Pereira e Pieta (2016) recorrem aos telejornais da RPCTV (afiliada da Rede Globo em Foz do Iguaçu) para visualizar os modos como os estrangeiros são construídos pelos noticiários, com base nos estudos teóricos de subjetivação e objetivação do ser humano de Michel Foucault e Michel Pêcheux. A escolha do telejornal local de Foz do Iguaçu é por se situar numa região fronteiriça com o Paraguai e a Argentina. Os objetos empíricos são reportagens coletadas no primeiro semestre de 2015 e que abordam a fronteira. Percebe-se que apesar de uma extensa discussão teórica sobre subjetivação e objetivação e uma análise do material coletado, o telejornalismo local em si não é problematizado - apesar de uma referência de que os noticiários em questão são locais.

O artigo de Finger (2016) se dedica a analisar a programação da TVE Rio Grande do Sul, que funciona através de um convênio entre o Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O período de escolha foi justamente no momento de troca de administração da emissora, devido à posse do novo governo estadual. O estudo também envolveu, num segundo momento, uma "sondagem qualitativa no campo da recepção, com entrevista em profundidade com duas telespectadoras, indicados pela própria emissora como assíduas e participantes, no intuito de compreender a relação deles com a emissora e seus conteúdos" (FINGER, 2016, p.4). Há uma discussão preliminar sobre os desafios que a televisão tem enfrentado nos últimos anos, como a queda da audiência e as mudanças oriundas de um ambiente pautado pela convergência, como o advento da segunda tela e a hipertelevisão - um conceito desenvolvido por Carlos Scolari (2004) que descreve a televisão inserida na era digital, como maior interação entre o jornalístico e seu público.

Um dado interessante registrado pela análise de conteúdo, apoiada nas definições de Bardin (2011), é de que com a mudança política a produção local de notícias baixou de 28% para 25% do total veiculado. A taxa demonstra como a produção local ainda não é alta entre as próprias emissoras enquadradas como locais e regionais. "De qualquer maneira, este índice de 25%, é um dos maiores entre todas as emissoras gaúchas, uma produção local importante para quem enfrenta diversos problemas de estrutura, tanto técnica como de recursos humanos" (FINGER, 2016, p.8). A pesquisa também apontou

um aumento no tempo dedicado ao telejornalismo, passando de cerca de 30% para 56% da programação semanal. Houve registro de mudanças na grade de programação, com exclusão de programas. A autora destaca como um problema das emissoras públicas locais, já que a troca periódica de governo faz com que ocorram mudanças políticas que interferem no funcionamento da mídia local pública. "As Diretorias Executivas escolhidas pelos governos impedem a continuidade do trabalho e não há nada que o Conselho Deliberativo possa fazer para impedir esta prática. As visões político/partidárias se sobrepõem às necessidades dos telespectadores" (FINGER, 2016, p.9).

A entrevista realizada com as duas telespectadoras indicadas pela emissora demonstrou que ambas estão satisfeitas com a programação - justificando um enfoque diferenciado das notícias por parte da emissora pública em relação à emissora privada, principalmente no que tange ao valor normativo da isenção. Uma das poucas críticas foi a não disponibilidade do conteúdo na internet. Por fim, a autora faz uma reflexão acerca do serviço público prestado pela TVE RS, como a necessidade de uma programação mais diversa para atender aos cidadãos - numa clara contraposição por serem tratados muitas vezes como consumidores. O emprego de formatos *transmídia* e *crossmídia* é outra demanda sugerida, emergindo a necessidade de capacitação dos profissionais envolvidos na produção noticiosa local. A questão *transmídia* também faz parte do artigo de Gomes e Kneipp (2016) que utilizaram a Inter TV Cabugi, afiliada da TV Globo no Rio Grande do Norte, com base no Instagram. É feita uma discussão acerca da TV na era digital com ênfase no perfil da @intertvrm no Instagram.

Já Anelo (2016) busca analisar e compreender a escolha dos formatos do noticiário MS Record da TV MS, afiliada da Rede Record em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O foco é nas notícias oriundas das contribuições enviadas pelo *WhatsApp*. Foi utilizada como metodologia a análise de conteúdo feita por observação direta dos telejornais no mês de fevereiro de 2015. Há uma contextualização teórica sobre o emprego das tecnologias no jornalismo e a análise mostrou que os formatos predominantes para veicular as informações oriundas da participação pelo *WhatsApp* são as notas peladas e as notas pés, revelando "a falta de estrutura adequada para o trabalho com o aplicativo" (ANELO, 2016, p.13). A pesquisa também evidenciou que muitas das notícias exibidas com base no aplicativo não eram acompanhadas das versões das autoridades responsáveis por uma possível solução da denúncia.

Grupillo (2016) no trabalho "Hoje tem mundo cão? Tem sim, senhor! O sensacionalismo como estratégia comercial no telejornal SBT Rio" se propõe a relacionar os formatos populares com a busca de um vínculo com as camadas econômicas mais baixas. A autora recorre ao que alguns teóricos, como Igor Sacramento, chamam de "mundo cão" para tipificar o jornalismo sensacionalista e a reportagem policial de escândalos e crimes pesados. Assim, é desenvolvida uma discussão acerca do termo sensacionalista e da programação popular na televisão brasileira. Através da análise de conteúdo do SBT Rio, telejornal local do SBT, durante uma semana do mês de maio de 2016, a autora percebe que apesar do discurso do noticiário ser de uma preferência pela prestação de serviço, há ênfase nas notícias de violência e de especulação da barbárie. Quanto às editoriais enfocadas pelo telejornal, nota-se a predominância de temas policiais, seguidos de política e geral. Um fato interessante é que Grupillo (2016) considera o programa como sendo informativo, mas com "convite" ao lazer e ao entretenimento - principalmente devido à coprodução em conjunto com a audiência.

A questão da proximidade aparece de forma mais densa no artigo de Araújo e Vizeu (2017) que através do NETV 1ª edição, telejornal local da TV Globo Nordeste, buscam refletir se o noticiário representa um lugar de referência para o público de Recife. A discussão de referência é realizada com base em Schutz (2008), que estabelece a noção de cumplicidade no telejornalismo numa relação de confiança e de segurança construída entre o telejornal e a sociedade. Estudos de recepção também são citados para apontar que a televisão é um lugar de referência no Brasil, exercendo, inclusive, um papel educativo ao esclarecer termos que não fazem parte do cotidiano das pessoas, como algum tipo de exame médico - no caso da saúde. Os autores citam o exemplo do Calendário do NETV, criado pelo noticiário para mostrar os problemas comunitários da região metropolitana de Recife, de forma a tornar públicas questões sociais que devem ser discutidas e resolvidas. É interessante quando se considera o telejornal como sendo de proximidade, citando a disponibilidade do aplicativo *WhatsApp*.

A questão que se coloca é se a preocupação da emissora é contribuir para a formação da audiência ou da adesão da mesma em termos de mercado ou até mesmo contar com a participação de um "profissional" não remunerado. Independente disso a ideia do lugar de referência de certa forma se mantém porque as pessoas continuam tendo com a Globo Nordeste um lugar onde veicular informações, fazer queixas e denúncias (ARAÚJO, VIZEU, 2017, p.11).

Os autores afirmam que a participação é limitada, já que é submetida às normas da emissora. Por outro lado, citam que "enviar fotos, fazer, denúncia, sugerir matérias, entre

outros é sentir de alguma maneira pertença a este mundo” (ARAÚJO, VIZEU, 2017, p.13).

Ihitz e Cunha (2017) desenvolvem um dos poucos trabalhos que trazem uma abordagem histórica do jornalismo local e regional. Os autores focam na televisão no Rio Grande do Sul. Para isso recorrem à revista quinzenal TV Sul Programas, que foi editada no estado e se dedicava exclusivamente à televisão - uma forma de divulgar o novo meio de informação e entretenimento da década de 60. Através de reportagens publicadas no impresso mostram que no estado os primeiros canais foram os locais TV Piratini e a TV Gaúcha. Esta última chegando, posteriormente até Santa Catarina. A análise documental mostrou que a TV Piratini nasceu na capital, mas tinha a ambição de atingir outros municípios, o que demonstra que o caráter foi além do extremamente localizado. É destacada que a expansão da TV no Brasil ocorreu, principalmente, já na época da ditadura militar. Consta-se que parte considerável do conteúdo das reportagens da revista analisada se dedica a mostrar os departamentos das emissoras, os profissionais e as inovações tecnológicas da época.

É citado que o uso de fitas na década de 60 mudou os processos dentro das TVs e nos interessa destacar como isso mudou a questão local nas emissoras. "Surgia ali mais um fator de competição entre as tevês para reproduzir programas produzidos no Rio de Janeiro e São Paulo" (IHITZ E CUNHA, 2017, p.10). Tal citação demonstra que o videotape contribuiu para diminuir a produção local, reduzindo, assim, os custos operacionais (IHITZ E CUNHA, 2017). Alguns programas chegaram, inclusive, a serem extintos: "Na revista 11 a reportagem 'Teatro de Comédia vai Parar' informa que o programa exibido pelo canal 12 havia sido extinto em 27 de dezembro de 1963, fato comunicado pelo próprio diretor da atração, Pereira Dias" (IHITZ E CUNHA, 2017, p.10). Até mesmo as emissoras do eixo Rio-São Paulo passaram a sofrer com a diminuição da produção de conteúdo local. Estas, "testemunhavam a programação local ser tomada pelos enlatados norte-americanos, inclusive com a tentativa de uma invasão de novelas que concorreriam com as nacionais" (IHITZ E CUNHA, 2017, p.11). No entanto, é nítido que, por outro lado, também na década de 60, as emissoras passaram a instalar repetidoras, levando a programação dos canais para o interior do Rio Grande do Sul. Não há informações no artigo que se a expansão do sinal também refletiu numa maior cobertura jornalística das novas áreas contempladas pelo canal.

O trabalho "TJUFSC e o ensino da prática intensiva de ao vivo no telejornalismo" de Emerim, Brasil e Malkowski (2017), mostra como um programa criado no âmbito do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina tem se tornado um espaço de aprendizagem e de produção de conteúdo informativo. O telejornal é diário e exibido ao vivo via streaming nas redes sociais, como o *Facebook* e o *Youtube* (direto do Laboratório de Telejornalismo da UFSC). O artigo, portanto, foca no modelo de ensino utilizado e na importância de ensinar e fazer ao vivo. É também um exemplo de como o espaço universitário pode se constituir como base para uma mídia de produção de informação local com matérias que abordam assuntos que fogem da grande mídia, como o acolhimento e punição de menores infratores, coberturas de greves e a cobertura diferenciada de assuntos que ganham repercussão nacional, como o incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul (EMERIM, BRASIL, MALKOWSKI, 2017).

CONSIDERAÇÕES

A revisão realizada permite dois olhares complementares, a primeira é em relação às temáticas dos artigos. A maior parte dos trabalhos se dedica a observar a influência das tecnologias emergentes nos noticiários, principalmente no que tange a participação da audiência. No entanto, as conclusões são semelhantes: o uso é limitado e nem sempre há garantia de uma inclusão efetiva do cidadão no telejornal local e regional.

Por outro lado são poucas as discussões exclusivamente teóricas acerca do jornalismo local e regional. Aspectos que alguns autores chamam a atenção, como Aguiar (2016), no caso da dimensão do local e do regional, raramente são discutidos ou evidenciados. A maioria dos trabalhos também se dedica a análises empíricas, o que demonstra que há uma necessidade no Campo da Comunicação de se aprofundar conceitualmente e teoricamente acerca do (tele)jornalismo local e regional. Apenas um os 19 artigos selecionados traz uma contribuição exclusivamente metodológica.

Um segundo olhar é o de complemento com as pesquisas mais consolidadas sobre o telejornalismo local. Peruzzo (2005, p.70), por exemplo, chama a atenção para o advento do videotape que na década de 60, permitindo a formação das primeiras redes de televisão. No entanto, não é esclarecido se chegou a contribuir para a expansão do jornalismo local e regional. Através do trabalho de Ihitz e Cunha (2017), descrito nessa revisão de literatura, foi possível perceber que, no caso do Rio Grande do Sul, o uso de

fitas nos anos 60 prejudicou a produção local das emissoras – já que a programação começou a ser parcialmente ‘importada’ de grandes centros, além de excluir programas. Portanto, o emprego do videotape era uma forma de também enxugar os custos dedicados à produção local.

Consideramos ainda a necessidade de um olhar crítico para questões repetidamente afirmadas por estudos do jornalismo local e regional, tornando-as, assim, desafios teórico-conceituais distantes de definições/soluções. Se tomarmos como ponto de partida o local como a limitação de sinal ou de circulação territorial de um veículo, como considerar, na empiria, o sentimento de pertencimento e a proximidade em que tantos autores defendem? Outro questionamento emerge se consideramos a afirmação de que todos os veículos nascem locais - não estaríamos, assim, diante de uma definição extremamente ligada (e limitada) à perspectiva geográfica? A atenção às questões simbólicas e identitárias pode abalar a hipótese de que qualquer veículo de comunicação “nasce” local, seja ele impresso, rádio, TV ou internet – o que exemplifica, e reforça, a necessidade de pesquisas que lidam com o local e o regional em suas especificidades no jornalismo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Sonia. **Territórios do Jornalismo: geografias da mídia local e regional no Brasil**. 1. ed. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes/ Editora PUCRio, 2016. v. 1. 243p.
- ANELO, Cláudia. WhatsApp e a escolha dos formatos nas interações do telejornal MS Record 1ª Edição. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.
- ARAÚJO, Luciana. VIZEU, Alfredo. Telejornalismo: A Fragilidade Das Instituições e o Lugar De Referência. In: XXXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2017.
- BARBOSA, Marialva. Imaginação televisual e os primórdios da televisão no Brasil. In: Ana Paula Goulart Ribeiro; Igor Sacramento; Marco Antonio Roxo. (Org.). **História da Televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, v. 1, p. 15-35.
- BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BELÉM, Vitor. CIRNE, Lívia. Do SPTV ao SP1: Impressões sobre as mudanças na apresentação do telejornal local. In: XXXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2017.
- DARDE, Vicente. LEME, Fernando. As estratégias de fidelização do (tel)espectador: uma análise das mudanças no telejornal SPTV. In: XXXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2017.
- DORNELLES, Beatriz. O local em destaque: jornais de bairro x cadernos de bairro. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.9, n.1. Florianópolis: UFSC, 2012, p.244-258.
- EMERIM, Cárilda. BRASIL, Antônio. MALKOWSKI, Thiago. TJUFSC e o ensino da prática intensiva de ao vivo no telejornalismo. In: XXXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2017.

- FERREIRA, Soraya. NORTON, Isabela. Canais públicos mineiros de TV diante das reconfigurações da segunda tela. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.
- FINGER, Cristiane. TVERS: os desafios da convergência no telejornalismo na televisão pública. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.
- GARCIA, Xosé. Repensar o jornalismo de proximidade para fixar os media locais na sociedade glocal. **Comunicação e Sociedade**, Vol. 4, 2002, 199-206.
- GOMES, Taianne. KNEIPP, Valquíria. A transmídiação de conteúdo da Inter TV Cabugi no Instagram: Uma análise entre o omnibus de Pierre Bourdieu e a categorização de conteúdo de Yvana Fechine. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.
- GRUPILLO, Aline. Hoje tem mundo cão? Tem sim, senhor! O sensacionalismo como estratégia comercial no telejornal SBT Rio. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.
- IHITZ, Greetchen. CUNHA, Ricardo. TV Sul Programas: Fragmentos Sobre a História da Televisão no Rio Grande do Sul. In: XXXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2017.
- OLEGÁRIO, Leandro. Quem tem voz no Jornal da TVE 2ª Edição: uma análise da rotina de produção na emissora pública do Rio Grande do Sul. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015.
- PEREIRA, Maria de Lurdes. A narrativa do jornalismo científico na TV brasileira: as estratégias dos programas Como Será? (Rede Globo) e Scientia (UFPR TV). In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015.
- PEREIRA, Ariane. PERSEGONA, Naiara. O sentido de “público” na cobertura telejornalística: a produção de notícias pela ÉParaná e pela RPCTV referentes ao massacre de 29 de abril de 2015 no Paraná. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015.
- PEREIRA, Ariane. PIETA, Amanda. O argentino e o paraguaio nos telejornais brasileiros da RPCTV Cataratas: ressignificando as identidades de fronteira. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.
- PERUZZO, Cicília M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, n. 43. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, 2005, p. 67-84.
- RITTER, Eduardo. O encontro entre o hiperlocal e o global no hard news televisivo do canal de notícias norte-americano NY1. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015.
- ROCHA, Jordânia. TEMER, Ana Carolina. Mudanças estruturais no telejornalismo local: Um estudo de caso do Jornal Anhanguera 1ª edição. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.
- SABACK, Lilian. Metodologia de análise do modo parceiro de fazer telejornalismo. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015.
- SANTANA, Mayara. TEMER, Ana Carolina. Na Edição de Hoje – A Educação nos Telejornais Goianos: uma análise do JA 1ª Edição e do Jornal do Meio Dia. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015.
- TEIXEIRA, Luciano. O internauta como jornalista cidadão na TV: um olhar crítico sobre a o uso de redes sociais dentro do novo formato do telejornal SP1 da Rede Globo. In: XXXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2017.